



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

JUVENTUDE E ESCOLA: A DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA BRASILEIRA E SEUS EFEITOS PARA OS JOVENS POBRES

Juliana de Moraes Prata

julianaprata.prof@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Brasil

RESUMO

A juventude brasileira pobre experimenta um fenômeno de socialização recente: sua presença massiva na escola pública, esta que ocorria até então de forma mais intensa através do trabalho. O processo de democratização do ensino no Brasil data da década dos anos 90. Esse atraso nas políticas educacionais de abertura da escola básica protelou ainda a implementação de políticas de correção de fluxo, que são contemporâneas da abertura da escola. Utilizando a juventude como ferramenta de análise e a trajetória escolar como instrumento, trabalharemos a interpretação dos percursos institucionais de 1.025 jovens estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de dez escolas públicas na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro (Brasil). O objetivo desse estudo é criar um quadro comparativo entre as frações de geração da população pesquisada com relação a seu acesso a políticas de correção de fluxo antes de adentrarem na modalidade EJA. O marcador é o ano de 1996, ano de promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96). Dessa forma, analisando o ano de entrada no sistema educativo desses cidadãos, então com 7 anos, poderemos verificar se houve acesso a alguma política de apoio escolar ou correção de fluxo aos sujeitos que hoje estão na EJA e ainda se isso teve algum efeito na trajetória dos estudantes que acessaram esse direito. Para tanto o grupo juvenil foi dividido em três coortes: *jovens-adolescentes*; *jovens-jovens* e *jovens-adultos*. O aferidor questionário foi utilizado na modalidade orquestrado. Os resultados indicam algumas características da população de 15 a 29 anos e também fraturas entre as microgerações. O coorte de 15 a 17 anos, o jovem-adolescente, constitui 49,2% da EJA na cidade de Mesquita. Este grupo tem predominância de pessoas que nunca tiveram trabalho remunerado (87%), não tem filhos (apenas 16% afirma ter prole), já tiveram acesso à escola; nunca foram evadidos da instituição escolar. O jovem-jovem, grupo de 18 a 24 anos, é 20,2% da EJA e é o intermediário entre os coortes. Esse grupo já está inserido na transição de família e trabalho. 65% indica experiência de trabalho, e 42% afirmam ter um ou mais filhos. O grupo jovem-adulto, de 25 a 29 anos, está em transição concluída. 79% têm filhos, e 88% têm experiência de trabalho remunerado. As conclusões apontam que o coorte jovem-adolescente teve mais acesso às políticas de correção de fluxo e por isso, ainda que estejam ocupando os bancos escolares da EJA, são mais institucionalizados e conse-



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

quentemente, protegidos por ações do estado. Resultados incidentais que promoveram mais proteção social e possibilidade de usufruto da condição juvenil mediada pela escola.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude, Democratização, Desigualdades.

INTRODUÇÃO

As marcas das desigualdades sociais são mais profundas, sempre nos mais precarizados. As desigualdades assumem diferentes ângulos nas sociedades, em geral. Na sociedade brasileira, as nuances das desigualdades são tão profundas e delineadas que o próprio exercício de desconstrução conceitual não é uma tarefa dada e simples para os pesquisadores brasileiros.

A desigualdade educacional é uma das vertentes das desigualdades sociais no país. O acesso à educação como um direito de todos os cidadãos e cidadãs da nação teve um marco inicial muito recente, datada da década dos anos 90 do século XX.

Mais precisamente, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996, foi inaugurado um período que a literatura aponta como processo de democratização da escola pública brasileira. Com aumento de matrículas, ações de construção de prédios escolares, orientações curriculares, programas de correção de fluxo, formação de professores e outras ações do campo das políticas públicas que irromperam como bloco dessa época.

Na população brasileira, com o acesso restrito à educação, um grupo, em especial, foi e é, historicamente mais fragilizado no acesso aos equipamentos sociais dos nossos tempos, a juventude.

A socialização da juventude brasileira, até pouco tempo atrás, acontecia somente mediada pelo mundo do trabalho. O acesso à educação no processo de democratização e posterior universalização da escola brasileira, em linhas gerais, demorou a atingir os jovens e até hoje, com números que indicam que cerca de 50% dos jovens de 15 a 17 anos estão no Ensino Médio, nível esperado para esta idade, demonstra que os jovens não têm, em sua plenitude, sua socialização dentro do espaço escolar.

Este trabalho é, portanto, uma pesquisa concluída no ano de 2013 sobre a juventude de 15 a 29 anos, estudante da Educação de Jovens e Adultos na cidade de Mesquita (RJ- Brasil). Mesquita é



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

uma cidade de médio porte, com características comuns na região metropolitana do Rio de Janeiro. Não é a mais pobre ou a mais violenta, mas amarga a precariedade, como muitas cidades brasileiras. E exatamente por ser “mais uma” cidade no meio de tantas outras, foi feita a opção por um estudo mais aprofundado de parte da sua população.

A questão de pesquisa problematizada ao longo do texto é “como frações juvenis de mesma classe social podem ter experimentado diferentes acessos a correção de fluxo em Mesquita?”. Esse problema de pesquisa é fruto de outras perguntas que apareceram durante a pesquisa de mestrado. Sua relevância é a discussão do acesso à educação e como esses resultados desembocam na Educação de Jovens e Adultos, uma vez que os estudantes, em maioria, nunca estiveram fora da escola, sempre dentro da instituição, ainda que com uma trajetória acidentada, marcada por reprovações e inconsistências.

O objetivo desse artigo é criar um quadro comparativo entre as frações de geração da população pesquisada com relação a seu acesso a políticas de correção de fluxo antes de adentrarem a modalidade EJA. O marcador é o ano de 1996, ano de promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96). Dessa forma, analisando o ano de entrada no sistema educativo desses cidadãos, então com 7 anos, poderemos verificar se houve acesso a alguma política de apoio escolar ou correção de fluxo aos sujeitos que hoje estão na EJA e ainda se isso teve algum efeito na trajetória dos estudantes que acessaram esse direito.

Para desenvolver esse objetivo, serão trabalhados os conceitos de juventude e geração, democratização e acesso à educação no Brasil e desigualdades. Esse caminho teórico foi desenhado para construir a estrutura que mostra, a partir da operação conceitual apresentada na pesquisa de campo, que as políticas educacionais da década de 90 impactaram a história recente da educação brasileira e mais, criaram, especialmente na Educação de Jovens e Adultos, microgerações de incluídos precariamente no sistema escolar, e mais, incluídos em precariedade com distinções entre si. Cada grupo geracional demonstra diferenças importantes, principalmente com relação ao seu ano de entrada na escola, com 7 anos de idade e com sua trajetória de vida na instituição escola.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

JUVENTUDE

Mannheim (1968) é um autor clássico no campo da sociologia da juventude. Ele traz à tona a juventude como posição social e apresenta relevantes elementos para se pensar o campo juvenil na lógica de seu lugar de fala. Para o autor, a juventude na sociedade possui a posição do estrangeiro, é de certa forma marginal.

O autor afirma que o fato de a juventude chegar livre de determinados valores e moral, realiza um movimento paradoxal de aceitar e refutar. Logo, a posição da juventude se assemelharia, de alguma forma, com a população em situação de marginalidade social. Essa posição marginal agrega como grupo social.

Bourdieu (1983) também é estruturante nos estudos juvenis. Ele traz importante contribuição, fundamental para se entender o antagonismo: se a juventude é marginal, não há diferenças de posição quando tratamos de classe e juventude? Todos experimentariam a marginalidade da mesma forma? Bourdieu afirma claramente que não. A questão de classe e das desigualdades que efetivamente garantem sua reprodução historicamente conhecida, é crucial para entender a diferenciação de posição dentro da própria categoria juventude.

Dessa forma, faz-se a opção neste texto de trabalhar a juventude articulada com o conceito de classe social. Trataremos de jovens pobres moradores de uma cidade pauperizada e estudantes de uma das pontas frágeis do sistema educacional: a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Destarte, a posição juvenil, dependendo da que classe o jovem pertença e da geração da qual é parte, de como oportuniza possibilidades e impossibilidades históricas abertas para cada geração em cada sociedade (PEREGRINO, 2012), e o acesso a determinados equipamentos e como será o seu desfrute vai sendo revelada. Dessa forma, ao tratar de estrutura juvenil na perspectiva de classe é falar ainda que a condição do jovem rico, do médio e do pobre é diferenciada, mesmo que existam pontos de partida comuns, como as formas de transição para o mundo dos adultos, embora esses modos de transição para a vida adulta sejam díspares, diferenciados e desiguais. Essa condição juvenil, marcada pela classe, engloba os fatores pertinentes às questões e conflitos do próprio grupo de status e ainda pela posição ocupada na relação com as outras classes.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

GERAÇÃO

O conceito de geração é importante na construção da comunicação estabelecida entre os jovens e os não-jovens, ou melhor, entre os “mais jovens” e os “menos jovens”, como será desenvolvido ao longo do texto. Mannheim destaca em que a posição comum daqueles nascidos em um mesmo tempo cronológico não está dada pela possibilidade de presenciarem os mesmos acontecimentos ou vivenciarem experiências semelhantes, mas, sobretudo, de processarem esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante. De fato, não é o que se vê, mas como se vê. Isso aplicada a diferentes esferas da vida social. (MANNHEIM, 1968).

Todavia, Mannheim grifa o fato de que o pertencimento a uma geração não pode ser deduzido imediatamente das estruturas biológicas. (MANNHEIM, 1968). Do contrário, a situação de classe e a situação geracional apresentam, segundo Weller (2010, p. 5) aspectos similares devido à posição específica ocupada pelos indivíduos no âmbito sócio histórico. Mas essa posição gera uma modalidade específica do viver e do pensar, da forma como os membros interferem no processo histórico, ou seja: uma tendência inerente a cada posição e que só pode ser determinada a partir da própria posição.

Destarte, muito mais força tem a classe do que a biologia na formação dos grupos sociais e das gerações. Admitindo-se então indivíduos de idades cronológicas diferenciadas na composição de determinados grupos formados muito mais pela questão da situação de classe do que por quaisquer outras. Na EJA, é nítido perceber esse fenômeno: a formação de grupos pela questão da posição estabelecida seja em agrupamentos por morada próxima, afinidades religiosas, culturais, por serem oriundos do período diurno da própria escola, entre outros.

Entender a juventude e as gerações no contexto da escola é um movimento recente. A escola no Brasil até recentemente era para poucos. Os jovens em sua maioria frequentavam redes de sociabilidade marcadas pelo trabalho, vizinhança e outros agrupamentos dos quais não se incluía a escola, no caso dos jovens pobres.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA

A democratização escolar ou abertura da escola pública brasileira é o período de expansão de matrículas em todo território nacional. (LIBÂNEO, 2002). Esse movimento veio acompanhado de uma legislação que apresenta diretrizes para a educação nacional e uma série de programas e projetos para dar suporte ao processo de democratização das matrículas da escola pública brasileira.

Nesse cenário, a democratização da escola atinge a população em idade escolar de diferentes formas.

A juventude, anos depois da execução desse conjunto de políticas demonstra diferenças na vivência real das políticas no chão da escola.

A escola, enquanto espaço de socialização da juventude, é recente como nos mostra Peregrino (2006, p. 72):

Os jovens pobres, porém, só começam a ter seu processo de socialização mediado pela escola pública, a partir do início de sua entrada “em massa” para o ensino ginasial, no início da década de 70.

Mesmo assim, a entrada dos jovens pobres na escola tem sido acompanhada de mecanismos variados de “adaptação” desta a uma clientela cada vez mais exclusiva de determinados estratos sociais, mudando o “perfil” da instituição educativa, especialmente da década de 90 para cá.

A democratização da escola pública brasileira trouxe às carteiras, aos corredores, às quadras e às salas de aula novos sujeitos que paradoxalmente são velhos conhecidos. Os jovens da EJA, os jovens pobres são frutos do insucesso da escola regular. Muitos são oriundos também das classes “indesejadas” e projetos de aceleração.

Nesse caminho, o jovem pobre inserido precariamente na sociedade e também na escola aponta certas fragilidades que são, em parte, condicionadas pelas questões sociais, como a probabilidade maior de reprovação e evasão pelo fato de trabalhar; de serem mais velhos; e pelo fato impactante de ser pobre. Por isso, verifica-se que as políticas públicas/educacionais para esse público se mostram fatidicamente insuficientes. Segundo Peregrino (2008), citando as políticas de direitos



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

no Brasil, estas vêm operando com a reposição efetiva das desigualdades no país. E ainda, segundo Andrade (2009, p. 17):

Considerando ser a EJA uma modalidade educativa direcionada, basicamente, para os setores mais vulneráveis, do ponto de vista socioeconômico, seus atores carregam marcas profundas causadas pela desigualdade das oportunidades sociais e educativas.

Entender o processo de democratização e o papel juvenil apartados do conceito de desigualdade e deixar de acessar a uma realidade do Brasil. Por isso, o conceito a seguir compõe o quadro teórico deste texto para delinear a composição que aqui tentamos construir.

DESIGUALDADES

Martins (1997) apresenta a desigualdade como uma marca distintiva da/na sociedade brasileira. E ainda que não é possível entendermos a sociedade brasileira apartados da categoria que nos permite sua explicação e análise: a desigualdade. (PEREGRINO, 2008, p. 115).

Matos (1998) oferece suporte nessa linha admitindo que as desigualdades no contexto contemporâneo exijam outros modelos explicativos, porque os antigos não conseguem mais contemplá-los. Argumenta que as desigualdades configuram-se como multiformes e heterogêneas, não apenas a desigualdade óbvia da distribuição de renda e equipamentos sociais, materializadas na dicotomia rico x pobre no que tange ao território, por exemplo. Hoje, apesar da segregação e da pobreza, há desigualdades desfocadas e menores em lugares onde era de se imaginar serem maiores, como o caso de algumas pontuais favelas e periferias afastadas dos grandes centros.

Se consideramos que a igualdade é hoje um valor universal e que a ideia de que vivemos em um país com altas taxas de concentração de renda e desigualdade de oportunidades é popular e bastante difundida, não é de se estranhar que 96% dos brasileiros reconheçam que, no país, há grandes desigualdades de renda. Essa percepção que parece óbvia quando retirada de uma pergunta tão direta, é confirmada quando se trata de apontar o “formato” dessa sociedade - uma estrutura social vista, por quem está dentro dela, como uma pirâmide ou mesmo como uma grande letra T invertida. (SCALON, 2004, p. 91).

Trajetórias



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Os estudos de trajetórias vêm se consolidando como formas de estudar processos sociais em especial em meios institucionais, na literatura hoje. No Estado da Arte sobre a Juventude na Pós-Graduação Brasileira Peregrino (2008) faz uma análise de um conjunto de trabalhos que abordam Escola e Trabalho: trajetórias cruzadas e perspectivas juvenis. Nesse tópico, um grupo de onze trabalhos, entre dissertações e teses, tratam das trajetórias para elucidar questões relevantes, referentes ao campo da juventude.

Segundo a autora, pelo ângulo das trajetórias é possível uma percepção com maior clareza das condições, das experiências e dos projetos de vida dos jovens. Embora ainda não se consolide como um campo de estudos é possível afirmar, não sem certa ousadia, que particularmente o conjunto de trabalhos que tratam das trajetórias e das experiências juvenis constitui uma maneira de abordar a relação entre jovens, escola e trabalho bastante fecunda em sua capacidade de ampliar nosso conhecimento acerca dos jovens e de suas vidas. (SPOSITO, 2009, p. 106).

Para operar com os conceitos até aqui apresentados, foi proposta uma pesquisa de campo com uma população específica que demonstra em sua trajetória o posicionamento da proposta de nosso quadro teórico.

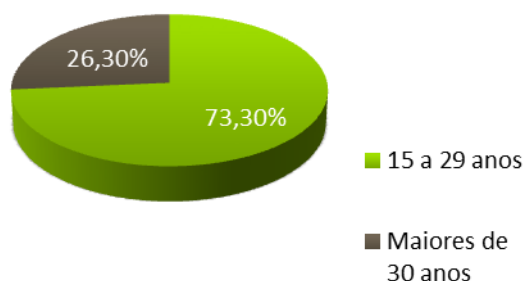
A pesquisa ocorreu na cidade de Mesquita, região metropolitana do Rio de Janeiro. A metodologia foi uma pesquisa quantitativa, com a análise qualitativa dos resultados. Foram aplicados 2.000 questionários para todos os alunos da Educação de Jovens e Adultos do município de Mesquita. A iniciativa foi da Secretaria Municipal de Educação que tinha como objetivo conhecer melhor o público da Educação de Jovens e Adultos. Foram validados 1.025 questionários com 38 perguntas. Contudo, para fins dessa pesquisa, apenas 18 questões entraram no campo de análise de dados e interpretação de resultados.

Os questionários foram aplicados pelos próprios professores da rede, num caráter orquestrado, ou seja, foi lido para os estudantes cada item de pergunta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A EJA de Mesquita é o que se poderia chamar de Educação para Jovens (e quase que somente para eles). Ela é composta por 73,3% de jovens de 15 a 29 anos. O grupo dos jovens-adolescentes de 15 a 17 anos é 49,2%, configurando-se como o bloco de indivíduos que, embora a maioria não tenha saído da escola, possui uma trajetória irregular e não linear nos estudos.

Gráfico 1- Alunos da EJA de Mesquita.



Para delinear melhor a população jovem foram estabelecidas três categorias: jovem-adolescente, de 15 a 17 anos; jovem-jovem, de 18 a 24 anos e jovem-adulto, de 25 a 29 anos. Coorte é o termo estatístico para esses subgrupos geracionais. Esses coortes indicaram tendências em cada grupo geracional e a comparação entre eles também apontou para realidades diferenciadas. Essas frações juvenis ainda apresentaram dados relevantes para compreender o acesso a permanência do sistema educacional desde um processo de abertura da escola pública brasileira.

Os jovens-adolescentes de 15 a 17 anos- nascidos entre 1995 e 1997, entraram no sistema escolar com 7 anos de idade, entre 2002 e 2004. O caminho escolar desses alunos é marcado pela repetência e, desse universo, 8% participou das políticas de correção de fluxo, seja em classes espe-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ciais, seja em aulas de reforço no contraturno (*Fonte: dados da escola*), o que se aproxima das estatísticas nacionais de atendimento a 10% dos “atrasados” no cenário nacional. Os adolescentes utilizam-se da EJA como um tipo de política de correção de fluxo ao poderem - ao menos em tese - aos que conseguem acelerar nos estudos, já que na EJA no Rio de Janeiro são realizadas duas séries ou fases num mesmo ano.

O grupo dos jovens-jovens, de 18 a 24 anos, são indivíduos nascidos entre 1988 e 1994, completando a idade de escolarização obrigatória, entre 1995 e 2001. Esse grupo, devido à implantação da LDB e de seus programas e políticas, já teve acesso a um ensino modulado em fundamentos diferenciados, especialmente se durante sua trajetória escolar no EF fora acometido por irregularidades no fluxo pelas séries. Ou seja, se com 7 anos a pessoa se insere no EF, no ano de 1995, na então 1ª série, deverá terminar o também então ensino básico no ano de 2002, com 14 anos. Porém, é sabido que no Brasil os números de taxas de conclusão durante o EF apontam que de cada 100 alunos que entram no 1º ano de escolaridade, 47 terminam o 9º ano do EF e apenas 14 terminam o EM. Esses alunos (jovens-jovens) podem ter feito parte dessas turmas de aceleração e correção de fluxo escolar. É dito *talvez*, porque embora os números indiquem que mais alunos possuem percursos marcados por entrada tardia ou repetências, apenas 10% do alunado em distorção série/idade fora contemplado com as classes especiais de aceleração ou reforço escolar no turno ou no contraturno. Isso significa que gestores, orientadores e professores os escolheram, e também tiveram que passar pelo crivo da autorização de seus pais para ingresso em classes de duas ou mais séries num ano, ou mesmo de ampliação da jornada escolar, ou ainda, saída da própria série para reforço durante o período de aulas. Significa também dizer que, nem todos os que necessitavam foram escolhidos, e que nem todos os escolhidos eram realmente o alvo, dados os critérios subjetivos de seleção.

A categoria denominada jovens-adultos, dos 25 aos 29 anos, nascidos entre 1983 e 1987 e, completando sete anos de idade entre 1990 e 1994, é o grupo que em seu momento de acesso à escola menos experimentou políticas educacionais que pudessem trabalhar questões educativas nas instituições.

Em primeiro lugar, na década de 1990, 90% das crianças de 7 a 14 anos estavam matriculadas no sistema escolar público e privado brasileiro. Isto significa que 10% estavam fora da escola.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A universalização do ensino elementar estava próxima, mas ainda um considerável grupo mantinha-se segregado, pelos mecanismos de inclusão precária que a população mais empobrecida era/é submetida.

A segunda questão é que o processo de redemocratização da escola estava ocorrendo de forma lenta, ainda que significasse avanços, o país ainda não tinha todas as crianças na faixa dos 7 aos 14 nas instituições escolares, absorvidas igualmente em todas as localidades. Isto significa dizer que é possível a um lugar ter 99% das crianças no sistema e outro lugar, apenas 80%.

A terceira questão relaciona-se com a LDB, que fora implantada a partir de 1996, descobrindo então este período de entrada da escola dos jovens-adultos e, sem nenhuma política de correção de fluxo presente na época. Sabendo que em nosso país, de cada 100 alunos que ingressam no 1º ano de escolaridade, somente 30 concluem o 9º ano sem nenhuma quebra de fluxo por abandono ou repetência, os mecanismos de correção, ainda que incipientes em sua implementação, se fazem fundamentais para se pensar a escola brasileira, com o intuito de contribuir com a construção de aprendizagens e não apenas de excluir os “atrasados”.

Segundo a pesquisa relatada, o grupo de jovens-adultos é o que efetivamente saiu da escola por longos períodos, e seu perfil demonstra que são os mais sujeitos às desigualdades sociais, no plano geral. De predominância, pardos e pretos (79%), homens (51%), possuem filhos (79%), e são migrantes de primeira geração (62%), já em processo de enraizamento no local que vivem, já tiveram experiência em trabalho remunerado (88%), saíram da escola por trabalho (76%) e retornaram à instituição escolar objetivando conseguir trabalho ou um trabalho melhor (92%). Parte dos indivíduos pertencentes a esse coorte geracional, trabalham atualmente de carteira assinada (17%), a maioria no município do Rio de Janeiro (75%), em segundo lugar, em Nova Iguaçu (20%) e 5% em outras cidades.

Essencialmente, a operacionalidade das políticas de correção de fluxo se dá em dois formatos: atendimento em classes especiais de aceleração e atendimento dos alunos no turno e no contra-turno em que os mesmos estudavam.

Dos questionários analisados do grupo juvenil mais amplo, cerca de 8% participaram de alguma ação com vista à correção de fluxo, seja subsidiada pela prefeitura (aulas de reforço no turno



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

e no contraturno, e classes especiais de aceleração), ou por iniciativas familiares de subsídio particular, como o caso de aulas particulares com professores e explicadores.

Desse universo, dos que participaram de alguma ação, 95% das pessoas que responderam aos questionários apontaram ter participado de alguma política de correção de fluxo estavam compreendidos nos grupos de jovens-adolescentes, de 15 a 17 anos e dos jovens-jovens, de 18 a 24 anos.

Dos alunos de 15 a 17 anos contemplados por alguma ação de fluidez na trajetória escolar, somente 8% estudaram em classes de aceleração, 20% em atividades de reforço no turno e no contraturno e, 30%, em iniciativas particulares, com explicadores e professores de apoio pedagógico. Quando perguntados sobre os motivos que os levaram à EJA, a maioria dos entrevistados respondeu que não aprenderam o suficiente no Ensino Fundamental Regular (EFR), ficaram reprovados, e quando completaram a idade de 15 anos foram encaminhados à EJA. Em segundo lugar, indicaram que, devido às reprovações ficaram sem estímulo e largaram a escola.

Constata-se, dessa forma, que as políticas de correção de fluxo, no caso dos alunos jovens de Mesquita, não demonstraram eficácia necessária no atendimento amplo dos alunos em distorção idade/série. E sinalizam, ainda que, se esses alunos foram deslocados para outra modalidade de ensino, como a EJA, é porque nem as ações de reparação foram eficientes. Os números municipais e nacionais explicam que, ao longo do tempo, desde a segunda metade da década de 1990, a distorção idade/série vem diminuindo na escola brasileira. Entretanto, esses “alunos-problema”, os mais velhos, sem sucesso no sistema, são “empurrados” para a EJA, mascarando os índices que falam do fim paulatino da distorção na escola brasileira. E povoam a modalidade com grupos juvenis, engrossando cada vez mais o grupo mais jovem, dos jovens-adolescentes de 15 a 17 anos de idade.

Os pouco mais velhos, jovens-jovens, de 18 a 24 anos, que tinham distorção na escola regular, frutos das primeiras políticas de fluxo e primeiros a serem pensados na escola pública, indicam que mesmo com as ações, os resultados não mostram êxito para os maiores interessados, os alunos.

Por fim, os indicadores mostram que o coorte geracional dos jovens-adultos, que não tiveram acesso a nenhuma iniciativa de correção de suas trajetórias truncadas, mantém os mesmos quadros dos grupos mais jovens de 15 a 17 e de 18 a 24 anos. Conclui-se então que, o impacto das polí-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ticas é irrelevante, porque as mesmas não desenvolvem o que realmente contribuiria para uma educação de qualidade, que instrumentalizasse o educando e, que ainda elas se apresentam somente para constar em papel e mascarar realidades, seja em Mesquita, seja em qualquer outro município das imensas periferias urbanas brasileiras.

CONCLUSÕES

Este trabalho apresentou algumas características da população de 15 a 29 anos, estudantes da EJA de Mesquita, no Rio de Janeiro. As categorias estabelecidas: jovem-adolescente, de 15 a 17 anos; jovem-jovem, de 18 a 24 anos e jovem-adulto, de 25 a 29 anos, indicaram tendências predominantes em cada coorte geracional e a comparação entre os grupos também apontou para realidades bastante distintas. Apresentaram ainda uma relação interessante entre as características de cada grupo e as mudanças do sistema educacional brasileiro dos últimos vinte anos.

As três categorias trabalhadas na pesquisa possuem características bem marcadas, o que possibilita a diferenciação entre si, embora o grupo amplo, *juventude*, de 15 aos 29 anos, possua questões comuns.

Comparando os grupos extremos, jovens-adolescentes e jovens-adultos, fica mais clara a contraposição dos coortes, e sua posição, na condição da juventude, em sentido amplo. Os jovens-adolescentes são beneficiados com moratórias por suas famílias. Eles estão mais próximos dos “jovens legítimos”, estudantes, sem trabalho e sem concepção de família. Estes, ainda, tiveram acesso às políticas de correção de fluxo; diferentemente da realidade dos jovens-adultos. Este último, o grupo de trabalhadores que estudam (jovens-adultos) afirma ter filhos e é um grupo potencialmente migrante de 1ª ou 2ª geração, o que admite, ainda, um processo mais ou menos longo de enraizamento e conhecimento da localidade, de suas formas e aparelhos sociais. São mais próximos dos “jovens bastardos”, pela família e pelo trabalho e, ainda, pelas trajetórias mais curtas de escolarização. Os dados revelam que, quanto mais velhos, mais chances de abandono tanto no EFR, quanto na EJA. Esse coorte também não teve acesso às políticas públicas de correção de fluxo. Logo, se separássemos as categorias e as organizássemos hierarquicamente por proximidade do “tipo ideal de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

jovem”, os jovens-adolescentes estariam mais perto, seguidos pelos jovens-jovens e, por último, os jovens-adultos, sendo estes, os mais “bastardos” da juventude, ainda que todos estivessem situados em contextos de desigualdade.

Por fim, concluiu-se que a juventude está no centro das questões situadas na complexidade da desigualdade social e educacional. No entanto, a juventude não é um grupo homogêneo e uniforme. Do contrário, um grupo diverso que admite inúmeras frações menores e, contidas no grupo amplo, denominado jovem. A classe é um fator preponderante na análise da juventude, em que os pobres têm menos acessos e oportunidades. A juventude pobre, então, por si só, estaria mais afastada do tipo ideal de jovem. Essa juventude de classes populares, quando categorizada em três grupos: jovem-adolescente, jovem-jovem e jovem-adulto, indica nuances e características que as diferenciam e as aproximam.

Quanto às políticas públicas de correção de fluxo, nesse contexto, ainda que não as tenham realizado os jovens de 15 a 29 anos da EJA de Mesquita, a inserção adequada, no sistema educacional, teve o efeito de, nos sujeitos mais impactados pelas mesmas - os *jovens-adolescentes* -, aumentar o tempo de escolarização (ainda que truncada) e, de aproximá-los do tipo ideal de jovem. Logo, os jovens-adolescentes estão mais próximos das características da condição de jovens plenos, legítimos. Mesmo que os efeitos não tenham sido os esperados, são efeitos válidos, verificados pela pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre.(1983) A Juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro. Marco Zero.

LIBÂNEO, José Carlos. (2002) Democratização da Escola Pública- A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos. São Paulo: Edições Loyola.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MANNHEIM, Karl. (1968) *O problema da Juventude na Sociedade Moderna*. Rio de Janeiro: Zahar.

MARTINS, José de Souza. (1997) *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus.

MATOS, Ralfo. (1998) Desigualdades socioespaciais: inserções teóricas e conceituais e discussão do caso brasileiro. In: MATOS, Ralfo; SOARES, Weber. (Orgs). *Desigualdades, Redes e Espacialidades Emergentes no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond.

PEREGRINO, Mônica. (2008) Desigualdade, juventude e escola: uma análise de trajetórias institucionais. In: ZACCUR, E.; FÁVERO, O. (Orgs) . *Pesquisas em Educação : diferentes enfoques*. Niterói: EdUFF

_____. (2012) *Sobre a posição juvenil*. Duque de Caxias: UERJ/FEBF, 2012. Notas de aula.

SCALON, Celi (org.). (2004) *Imagens da desigualdade*. Belo Horizonte: UFMG / Rio de Janeiro: IUPERJ/FAPERJ.

WELLER, Wivian. (2010) A atualidade do conceito de geração de Karl Mannheim. Dossiê da atualidade do conceito de geração na pesquisa sociológica. *Revista Sociedade e Estado*. Brasília, vol. 25, n. 2, p. 1-19, mai-ago.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

(Deberá incluir el mismo resumen que fuera enviado y aceptado por los coordinadores del GT- hasta 450 palabras)

ABSTRACT

(Resumen en Inglés)

Palabras clave

(Incluir 3 palabras clave en español o portugués)

Keywords

(Incluir 3 palabras clave en inglés)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

(Descripción del tema o problema, objetivos e indicar si es resultado de una investigación en curso o concluida)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceptual



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análisis y discusión de datos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

(Principales resultados y discusión)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

(Incluir sólo la citada en el texto)